

Gabarito comentado – Autores

1 – A

A escola é um espaço privilegiado para a implementação de práticas que combatam todos os tipos de discriminação e preconceito, porque abriga, todas as formas de diversidade étnico-racial, cultural, origem social e de gênero.

O Conselho escolar deve ser a instância que garante a participação e a manifestação dessa diversidade na escola, e tem como uma de suas principais responsabilidades a defesa do direito de ser diferente.

As práticas democráticas utilizadas nas reuniões do conselho escolar abrem espaço para que a comunidade expresse as dificuldades que ocorrem na escola por conta de preconceitos, discriminação e conflitos identitários.

2 – E

Em relação à primeira alternativa, devemos atentar para o fato de que, no movimento de definição das concepções do grupo é fundamental contar com a participação de todos. Em relação ao movimento da sistematização (escrita) do documento podemos trabalhar com a estratégia de eleição de representantes dos vários segmentos, no qual registramos todas as discussões que contribuíram para o processo de construção do projeto pedagógico da escola.

A segunda e a terceira alternativas são corretas, estando nelas mesmas as explicações básicas para o que afirmam.

Quanto à quarta alternativa, evidentemente, ela é falsa, uma vez que o processo avaliativo deve estar presente em todos os movimentos de construção do projeto pedagógico.

3 – B

É preciso fazer surgir, da autonomia garantida pela lei, outra autonomia – a autonomia construída na escola – que estimule e assegure a participação de gestores, professores, pais, alunos, funcionários e representantes da comunidade na discussão do trabalho pedagógico, numa perspectiva mais ampla.

Essa autonomia construída tem por objetivo ampliar os espaços de decisão e participação da comunidade atendida pela escola, criando e desenvolvendo conselhos escolares.

Segundo Heloisa Luck, a escola é mais autônoma quando mostra-se capaz "de

responder por suas ações, de prestar contas de seus atos, de realizar seus compromissos e de estar comprometida com eles, de modo a enfrentar reveses e dificuldades”.

4 – C

Podemos considerar como razões válidas para serem utilizadas pela diretora Ruth as elencadas nos incisos: I,III e V.

O papel do gestor no processo de elaboração do PP da escola é coordenar o processo de organização das pessoas no interior da escola, buscando além da convergência dos interesses dos vários segmentos, a inovação de práticas pedagógicas, estabelecimento de cultura de paz, de respeito à diversidade, entre outros projetos.

A construção coletiva do PP deve ocorrer visando, antes de tudo, à instalação de uma autonomia construída e dialogada na escola, e não meramente para cumprir um dispositivo legal.

5 – B

A TEO é definida como a arte de coordenar e integrar tecnologias específicas e educar pessoas, isto é, criar um ambiente educacional onde todos, líder e liderados, sintam-se estimulados a aprender e a pôr em prática seus conhecimentos. Aprender a conhecer (adquirir os instrumentos da compreensão); aprender a fazer (poder agir sobre o meio envolvente); aprender a viver juntos (participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas); aprender a ser (realizar-se como pessoa em sua plenitude).

6 – E

A organização desta escola propicia a abertura para o meio exterior, mantendo relação estreita com a comunidade a que serve de tal forma que possa identificar as necessidades locais e estabelecer as parcerias necessárias; com administração descentralizada, baseada nas condições da própria escola, embora atrelada às diretrizes gerais e recebendo apoio necessário para a realização de suas propostas; a gestão pautada na horizontalidade em substituição à hierarquia.

7 – C

Segundo a autora, os três fatores fundamentais são Liderança – capacidade de mobilizar a comunidade escolar para executar o que foi planejado e dos passos necessários para alcançar as metas. - Conhecimento do processo – faz com que o profissional domine os processos sob sua autoridade, na área em que atua. Método – é o caminho para chegar

ao resultado. É a essência do gerenciamento.

8 – E

O gestor precisa compreender que as tarefas administrativas devem ser vistas a partir do trabalho pedagógico, de suas exigências e das novas demandas educacionais, isso é fundamental para facilitar as mudanças necessárias na prática docente e no desenvolvimento das propostas pedagógicas da escola.

9 – A

Planejamento (P) Etapa que busca o conhecimento necessário à solução de determinado problema. **Execução (D)** Nesta etapa as ações propostas nos planos de ação devem ser executadas, considerando os prazos estabelecidos, de forma coordenada. **Verificação (C)** A etapa de verificação (check) envolve o acompanhamento da execução das ações dos planos e análise dos resultados frente às metas estabelecidas. **Ação (A)** Ações corretivas a partir dos resultados. Essa etapa consiste no tratamento do desvio negativo de resultado frente à meta. Nessa situação deve-se fazer uma parada para analisar as causas do desvio e propor ações corretivas.

10 – B

Todos estão a serviço da comunidade e dos investidores sociais e estes devem sentir-se realizados pelo que fazem e pelos resultados que obtêm. O gestor deve ter a **comunicação** como foco. Perdendo o foco, põe em risco a sinergia da equipe. Considerando que a comunicação é o foco e sem ela não existem negócios, parcerias e confiança.

11 – E

Na abordagem sociocultural, evidencia-se uma tendência interacionista, já que há interação homem-mundo, sujeito-objeto, é imprescindível para que o ser humano se desenvolva e se torne sujeito de sua práxis. O conhecimento é elaborado e criado a partir do mútuo condicionamento, pensamento e prática. Enfatiza o diálogo crítico.

12 – D

Seguem as principais características de cada abordagem: Abordagem Tradicional (ensino centrado no professor); Abordagem Comportamentalista (conhecimento é o resultado direto da experiência); Abordagem Humanista (o sujeito é o principal elaborador do conhecimento humano); Abordagem Cognitivista (o que se aprende é assimilado por uma estrutura já existente e provoca uma reestruturação); Abordagem Sociocultural (o homem é o sujeito da educação e está inserido num contexto histórico, ligados ao

processo de conscientização).

José Mário Pires Azanha – Democratização do ensino: vicissitudes da ideia no ensino paulista

13 – B

As afirmativas I e III são coerentes com as ideias de Azanha. As demais estão incorretas:

II. As propostas e debates sobre educação democrática revelam que as controvérsias ideológicas se concentram no significado desse ideal. Incorreta. Pensada dessa forma a educação democrática seria vista numa perspectiva abstrata. A Democracia deve ser vista como a mais alta forma de organização política e social, sem discussões vazias envolvendo controvérsias ideológicas.

IV- A democratização da educação é um processo exterior à escola, que toma a educação como uma simples variável pedagógica. Incorreta. Pensar dessa forma significaria compreender a escola desvinculada dos mecanismos que organizam e compõem a sociedade. A Democratização da educação é irrealizável intramuros: ela é um processo exterior à escola, que toma a educação como uma variável social e não como simples variável pedagógica.

V. A qualidade de ensino é uma questão meramente pedagógica, podendo ser aferida apenas numa perspectiva técnica. Incorreta. A qualidade de ensino envolve questões conceituais de políticas educacionais.

14 – C

A alternativa correta é a C, pois a opção por estender a todos a oportunidade de estudar é uma medida política que se relaciona com escolhas dos dirigentes. Pensar que ampliar oportunidades é apenas questão técnica-pedagógica significa adotar um pensamento ingênuo

As demais alternativas estão incorretas:

- A extensão de oportunidades educativas eleva automaticamente a qualidade do ensino. Incorreto. Durante todo o texto Azanha fala exatamente o contrário.

- A qualidade do ensino é inconciliável com a extensão de oportunidades educativas. Incorreto. Incorreto: A extensão de oportunidades é indispensável, embora só isso não resolva o problema da qualidade do ensino.

- Providências pedagógicas parciais têm efeitos deteriorantes sobre o sistema escolar. Incorreto: Providências pedagógicas são sempre importantes, mas insuficientes quando o que se quer é a melhoria da qualidade da educação. Não se democratiza o ensino reservando-o para uns poucos sob pretextos pedagógicos.

- Os educadores se valem de pretextos pedagógicos para garantir privilégios aos melhores alunos. Incorreto: No próprio enunciado é apontado como equivocada a

posição dos educadores que argumentam que a ampliação de vagas levará ao rebaixamento da qualidade do ensino. O equívoco aparece porque, segundo o autor, só se pode falar em democratização da educação se ela se referir a todos e não apenas a alguns poucos privilegiados.

Anísio Teixeira – A escola pública universal e gratuita

15 – D

Todas as alternativas estão corretas, exceto a D.

Anísio Teixeira tece críticas à memorização. O próprio ato de aprender, dizia Anísio, durante muito tempo significou simples memorização; depois seu sentido passou a incluir a compreensão e a expressão do que fora ensinado; por último, envolveu algo mais: ganhar um modo de agir. Só aprendemos quando assimilamos uma coisa de tal jeito que, chegado o momento oportuno, sabemos agir de acordo com o aprendido.

16 – B

As alternativas I, II e III são coerentes com o pensamento de Anísio Teixeira, portanto estão corretas.

A alternativa IV está incorreta, pois expressa uma das grandes críticas de Anísio às reformas educacionais da década de 20 e 30. Reduzir séries para atendimento da demanda significava uma pseudoeducação democrática. Sacrificava-se a qualidade em detrimento da quantidade. Para Anísio Teixeira escola pública de qualidade significava inclusão de todos, com igualdade inicial de oportunidades, condição para a indispensável integração social do estudante.

Cipriano Carlos Luckesi – Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições

17 – D

(A) Incorreta. O educando não vem para a escola para ser submetido a um processo seletivo, mas sim para aprender e, para tanto, necessita do investimento da escola e de seus educadores, tendo em vista efetivamente aprender.

(B) Incorreta. Momento de aferição do aproveitamento escolar não é ponto definitivo de chegada, mas um momento de parar para observar se a caminhada está ocorrendo com a qualidade que deveria ter. A função da avaliação manifesta-se como um ato dinâmico que qualifica e subsidia o reencaminhamento da ação, possibilitando consequências no sentido da construção dos resultados que se deseja.

(C) Incorreta. Os pais precisam ser orientados pela escola para que compreendam o sentido e a função da avaliação numa perspectiva de construção de conhecimento. Isso se opõe às situações nas quais professores vão à reunião de pais para entregar-lhes os

boletins e conversar com eles sobre as crianças que estão "com problemas". Tais problemas, na maior parte das vezes, se referem às baixas notas de aproveitamento. A constatação em si das notas baixas de nada ajuda se não houver medidas / ações de reorientação do ensino e da aprendizagem.

(D) Correta. Na avaliação a escola assume a responsabilidade do desenvolvimento do aluno, fazendo auto avaliação e reorientando o processo de ensino e aprendizagem.

(E) Errada. A ideia de treinamento reporta a uma ação mecânica do ato de aprender, que se contrapõe à construção de conhecimento.

18 – A

A alternativa que está em desacordo com a perspectiva defendida por Luckesi é A.

A avaliação deve se constituir em uma prática seletiva, permitindo separar os alunos em bem e malsucedidos, para valorizar apenas os alunos bem posicionados. É o oposto do que defende Luckesi, pois com seletividade e separação dos bons e dos maus alunos se tem uma avaliação punitiva, contra a aprendizagem. Essa prática não apoia e ajuda o aluno e coloca sobre ele e apenas sobre ele a responsabilidade pela aprendizagem.

Todas as demais alternativas são coerentes com o que defende Luckesi.

Paulo Freire – Pedagogia da autonomia

19 – D

A – Incorreta. Para Paulo Freire, ensinar não é transferir, mas construir conhecimento.

B – Incorreta. Paulo Freire nega que o educador é o único que sabe. Ao contrário, defende que os alunos chegam às escolas com saberes que, ainda que revestidos de uma consciência ingênua, são saberes a partir dos quais o docente deve iniciar um diálogo para que o aluno construa o seu conhecimento. Da forma como a alternativa foi elaborada refere-se à prática da educação bancária, fortemente contestada por Freire.

C – Incorreta. Também se refere à educação bancária. Quem aprende não pode ser objeto de quem aprende. Antes é parceiro, pois “ensinar não é transmitir conhecimentos, conteúdos, assim como formar não é ação pela qual o sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

D – Correta. É necessário que os educadores e educandos sejam sujeitos criadores, instigadores, inquietos e ajam com rigor e persistência. Desse modo, aprender é um contínuo permanente em que educadores e educandos experimentam a produção de novos saberes. Não posso pensar-me igual ao educando, desconhecer a especificidade da tarefa do professor, ou ainda, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda do educador.

E – Incorreta. Não é pela memorização dos ensinamentos do professor que é possível ao

aluno se tornar um leitor crítico da realidade. Não é recitando de suas memórias aquilo que aprendeu, isto é, repetindo o que ouviu do professor, que o aluno vai construir conhecimento. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sempre aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar.”

20 – E

I – Correta. A adaptação do educando remete à ideia de passividade. O aluno vira objeto e não sujeito do processo de ensinar e aprender. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção. Não somos seres que se adaptam, mas seres que se inserem no mundo. Por isso, devemos considerar nossas condições objetivas de vida, mas não nos submetemos a ela. Há de fato “malvadeza neoliberal” pela indução de uma postura fatalista e determinista que faz o educando pensar que a realidade está dada e não pode ser alterada.

II – Correta. De fato, a aprendizagem vem antes do ensino no sentido de que antes de a escola se propor a ensinar já houve muito aprendizado por parte do aluno. As pessoas se esquecem de que os alunos aprendem também quando não estão em aula. Ensinar exige que o professor respeite os saberes com que seus educando chegam à escola e discuta com eles a razão de ser de alguns desses saberes em relação aos conteúdos de ensino. Não é possível respeitar os educandos se não levamos em conta suas histórias de vida e seus saberes.

III – Incorreta. O professor, mesmo discordando, deve buscar seriamente a argumentação, não nutrindo nenhuma raiva desmedida por seu aluno. A educação é um ato dialógico que exige acolhimento e não repulsa, pois todo entendimento implica comunicabilidade.

IV – Incorreta. A criticidade é promovida na sala de aula de forma intencional pelo professor. Isso não ocorre automaticamente, mas exige pesquisa, reflexão, planejamento por parte do professor.

V – Correta. Treinar reporta-se a um ato mecânico, que nega a reflexão, a construção de conhecimento. A prática docente – que comporta diversas dimensões - envolve um movimento dinâmico, dialético entre o pensar sobre o fazer. O treinamento faz surgir um elitismo autoritário quando o formador elege – sem diálogo com o professor – conteúdos e práticas que não partem dos saberes e das necessidades docentes.

VI – Incorreta. A ideologia tem muito a ver com a ocultação da verdade dos fatos. A ideologia nos ensurdece, nos faz aceitar tudo mansamente, como o discurso ideológico da globalização que procura disfarçar a riqueza de poucos e a miséria de milhões. O professor deve estar advertido do poder do discurso ideológico e manter viva sua capacidade de pensar certo, recusando posições dogmáticas.

José Manuel Moran / Marcos Masetto / Marilda Behrens – Novas tecnologias e

mediação pedagógica.

21 – B

A – incorreta. A tecnologia em si, assim como escolas com boa infraestrutura por si sós não são garantia de educação de qualidade.

B – Correta. Moran defende que se integrem todas as dimensões do ser humano. É importante aprender a lidar com a informação de formas novas, estabelecendo interações pessoais e grupais que ultrapassem o conteúdo a ser ensinado.

C – Incorreta. O preparo intelectual dos docentes é insuficiente. O enfrentamento de novas formas de ensinar e de aprender só será possível, de acordo com o autor, quando os docentes forem bem preparados intelectual, emocional, comunicacional e eticamente. Devem também ser bem remunerados, motivados, com boas condições profissionais. A relação afetiva com os alunos precisa ser estabelecida. Por outro lado, a organização escolar deve ser aberta, dinâmica, inovadora. Deve ter um projeto pedagógico coerente e participativo, uma infraestrutura adequada, atualizada e confortável.

D – Incorreta. Selecionar e divulgar informações necessárias à construção de conhecimentos que a escola considere significativos é insuficiente. É preciso que o educador torne a informação significativa, escolha a informação importante, compreenda a informação, tornando-a parte do referencial do indivíduo.

E – Colocar as novas tecnologias de informação e comunicação a serviço da racionalização do pedagógico é um desafio importante, mas não suficiente. Precisamos aprender a nos conhecer, a nos comunicar. Ensinar integrando o humano e o tecnológico. Integrar o individual, o grupal e o social.

22 – B

I – Correto. Quando deslocamos o eixo do ensinar para o de aprender, estamos deslocando o foco do professor para o do aluno. É em função do aluno que deve se movimentar o professor: planejando sua aula, ajustando suas intervenções, calibrando suas avaliações.

II – Incorreto. Behrens realmente se apoia nos quatro pilares defendidos por Delors, mas o correto é: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser.

III – Correto. Os pontos básicos são a visão de totalidade, o enfoque na aprendizagem e na produção de conhecimento.

IV – Incorreta. A pesquisa é ferramenta da aprendizagem e se constitui em valioso recurso ao trabalho do professor. Mas é preciso compreender que os conteúdos são provisórios e relativos, que a aquisição do conhecimento deve ocorrer de forma interdisciplinar, que a prática pedagógica deve instigar ações que levem os alunos a problematizar a realidade observando, criticando, se posicionando diante dos fatos.

João Ribeiro Trigo / Jorge Adelino Costa – Liderança nas organizações educativas: a direção por valores.

23 – A

A – Correta. A proposta de Trigo sobre a liderança nas organizações educativas é romper como as vertentes mais técnico-instrumentais das teorias tradicionais da gestão e contribuir para uma reflexão compartilhada com a liderança das organizações educativas, de modo especial, a conceptualização da liderança como diálogo sobre valores.

B – Incorreta. Conforme dito acima, a proposta é romper e não optar por um foco técnico-administrativo.

C – Incorreta. Centrar um projeto de trabalho com uma liderança forte centrada no diretor da escola se contrapõe à ideia de escola como coletivo pensante e construtor da gestão democrática.

D – Incorreta. Vários autores apresentam reservas em relação a importar para a escola modelos organizativos e de liderança do mundo empresarial. Outros autores acham a proposta válida, entendendo que a teoria pensada para as empresas, desenvolve conceitos e apresenta preocupações que, deveriam estar presentes na teoria e na prática da gestão e liderança das organizações educativas. O objetivo está em encontrar novos caminhos para a tão desejada e necessária melhoria dos níveis de eficácia nas escolas. Há um consenso: considerar a escola como uma organização com aspectos comuns e aspectos distintivos em relação a outras organizações.

E – Incorreta. As organizações educativas demandam um processo complexo de construção de um objeto de estudo. Segundo os autores, no passado a escola era colocada entre a “espada e a parede”, entre olhares macro analíticos que desprezaram as dimensões organizacionais dos fenômenos educativos e pedagógicos, e olhares micro analíticos, exclusivamente centrados no estudo da sala de aula e das práticas pedagógico-didáticas.

24 – E

A alternativa E está incorreta. O líder não pode buscar mudanças INVOLUNTÁRIAS no seu grupo. Esta prática se opõe à DpV, não favorecendo tarefas e projetos comuns. É preciso ter em conta que, na DpV os valores são considerados a alma da empresa e surgem associados à sua visão e missão. A grande missão da escola seria então educar para uma cidadania com valores, de reconhecimento e de respeito pela dignidade de todos os seres humanos. As mudanças pressupõem diálogo, escuta, negociação.

Todas as outras alternativas estão corretas.

Maria Elizabeth B. de Almeida / Maria da Graça Moreira – Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo.

25 – A

A – Incorreto. Usadas inicialmente como coadjuvantes nos processos de ensino e aprendizagem para apoio às atividades ou, ainda, para motivação dos alunos, gradualmente as tecnologias dão lugar ao movimento de integração ao currículo do repertório de práticas sociais de alunos e professores típicos da cultura digital vivenciada no cotidiano. (SILVA, 2010).

B – Correto. As TDIC na educação promovem mudanças das práticas educativas com a criação de uma nova ambiência em sala de aula e na escola, mudanças na gestão de tempos e espaços, nas relações entre ensino e aprendizagem, nos materiais de apoio pedagógico e na na organização e representação das informações por meio de múltiplas linguagens.

C – Correto – A formação de professores inter-relaciona as diferentes dimensões envolvidas no uso das TDIC, quais sejam: dimensão crítica humanizadora e tecnológica pedagógica e didática (ALMEIDA, 2007).

D – Correto – A presença das TDIC nas escolas por si só não é garantia de resultados satisfatórios na melhoria da aprendizagem e no desenvolvimento do currículo e, muitas vezes o uso das TDIC se restringe a atividades pontuais sem uma real integração ao currículo (VALENTE; ALMEIDA, F., 1997; ALMEIDA, 2008).

E – Correto. A “geração Y” é formada por crianças que cresceram com a internet, habituaram-se a usar jogos eletrônicos, a produzir, interagir e compartilhar informações por meio de redes sociais e a utilizar dispositivos móveis. Demandam, portanto, a “inserção das tecnologias digitais nas práticas educativas”.

26 – C

Esta alternativa está incorreta. De acordo com as autoras nem sempre as TDIC estão presentes fisicamente nas organizações educativas.

As TDIC passaram a fazer parte da cultura, tomando lugar nas práticas sociais e ressignificando as relações educativas, pois passam a configurar uma nova forma de pensar e de agir que adentra a escola. “O pensamento das novas gerações se desenvolve no âmago de um sistema de coprodução mediatizado pelas TDIC compondo uma ecologia cognitiva na medida em que transforma a configuração da rede social ao envolver pessoas, objetos técnicos, valores, práticas, significados e pensamentos articulados em ‘uma rede na qual, neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores interconectam, transformam e traduzem as representações” (LÉVY, 1993, p.135).

As demais alternativas estão corretas, são coerentes com o defendido pelas autoras.

Maria Estrela Araújo Fernandes – Progestão: como desenvolver a avaliação institucional da escola?

27 – D

Ao contrário do escrito nesta alternativa, a Avaliação Somativa pode ser útil em alguns casos, mas não expressa o processo de aprendizagem global, isto é, o nível de compreensão do aluno e a sua formação.

As demais alternativas estão corretas no que diz respeito à avaliação somativa, de acordo do Fernandes.

28 – D

Esta alternativa está incorreta. A Avaliação institucional não visa, imediatamente, à punição nem à premiação. Busca aperfeiçoamento e sua ação central é de reconstrução. Eventual premiação, como estímulo ao mérito, não é desaconselhável, pois não causa dano. Punição, em especial no caso de instituições públicas (em um país com escassez de vagas como é o nosso), não pode prejudicar os estudantes. A concepção de avaliação institucional defendida é a melhoria do trabalho dos professores, equipe técnica, alunos, da escola e do sistema educacional. Não podemos nos limitar somente ao levantamento das informações e à constatação de situações; é preciso analisá-las e traçar novos caminhos de superação de situações de dificuldade.

As demais alternativas estão corretas.

Vanda Mendes Ribeiro / Joana Buarque de Gusmão – Uma análise de problemas detectados e soluções propostas por comunidades escolares com base no INDIQUE

29 – B

I – Correta. Os Indicadores de qualidade são instrumentos de gestão, utilizados para avaliar um processo ou seus resultados. A ideia é utilizar um instrumento participativo de avaliação e planejamento.

II – Incorreta. A participação da comunidade no INDIQUE é valorizada e instigada. Comunidades escolares têm conhecimentos a serem mobilizados para a solução dos problemas e, se há questões para as quais há menos conhecimento consolidado sobre as melhores formas de solucioná-las, cabe aos gestores refletir com a comunidade e ajudá-la a enxergar a escola em sua totalidade.

III – Correta. Ambiente educativo, prática pedagógica e avaliação e ensino e aprendizagem da leitura e da escrita são algumas das dimensões avaliadas. Podemos citar outras ainda: gestão escolar democrática, formação e condições de trabalho dos profissionais da escola, ambiente físico-escolar e acesso e permanência dos alunos na escola.

IV – Correta. O INDIQUE sustenta que a qualidade da educação é um conceito polissêmico e que a negociação entre os atores em torno de seus sentidos é fundamental para uma boa avaliação. Parte-se do princípio de que o conceito de

qualidade da educação não está dado e precisa ser discutido e negociado em cada realidade a partir da escuta das muitas vozes que habitam o universo educativo escolar.

V – Incorreta. Há uma crença bastante disseminada nas escolas de que palestras são eficientes para incidir sobre problemas, mudar práticas ou situações. Talvez haja no que tange às palestras, uma supervalorização da intervenção pontual de especialistas externos, o que remete a hipóteses:

- há falta de referências para se propor alternativas mais centradas nas mudanças das práticas dos próprios profissionais das escolas?

- As comunidades escolares têm dificuldade de propor mudanças na sua própria prática?

Esse tipo de proposta (palestras) evidencia a necessidade de contar com interlocutores, especialistas em determinados temas que irão ajudar a escola a refletir e agir pela transformação de seus processos. (Ribeiro, 2011)

30 – A

A alternativa A - “Somente sou chamado à escola para ouvir reclamações sobre meus filhos, ou para ser comunicado sobre decisões sobre as quais não fui consultado” – nos remete à ideia de distanciamento da comunidade em relação à escola, uma vez que os pais apenas pontualmente são chamados para a escola e ainda assim para ouvirem reclamações e serem comunicados de decisões das quais não participaram. Isso tudo reforça os itens apontados no enunciado da questão: escola desconhecida para os pais, expectativas não atendidas, participação escassa e envolvimento na vida escolar limitado pela instituição.

As demais alternativas apontam problemas que não têm relação direta com os fatores que desarticulam a relação entre a escola e a comunidade: baixa escolaridade dos pais e dificuldade no auxílio das tarefas escolares, qualidade de ensino insatisfatória e baixo desempenho dos alunos nas avaliações, situação de uso das quadras e de outros ambientes escolares ou ainda problemas de indisciplina na escola.

As questões 31, 32, 33, referem-se ao Livro: Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara onze teses sobre a educação política – Dermeval Saviani. Neste livro, Saviani apresenta as teorias da educação e mostra como essas teorias se colocam diante da precariedade e marginalidade da educação. Ele as posiciona em dois grupos. No primeiro grupo estão as teorias não-críticas (entendem a educação como um instrumento de equalização social e superação da marginalidade). No segundo grupo estão as teorias crítico-reprodutivas (compreendem a educação como um instrumento de discriminação social).

31 – B

Na pedagogia tradicional a educação é entendida como um remédio à ignorância, isto é, o marginalizado é entendido como ignorante e por conta disso precisa assimilar conhecimentos acumulados durante toda a história, de forma sistematizada e lógica para que possa sair da condição de marginal (ignorante). Toda a organização da escola está centrada no professor que tem a função de transmitir o conhecimento.

32 – A

As teorias crítico-reprodutivas acreditam que a escola também é reprodutora das desigualdades sociais e entendem a marginalidade como um problema de estrutura social. Não aceitam que a educação, por si só, resolva tal problema sem levar em consideração os condicionantes sociais.

33 – A

A pedagogia tradicional se fundamenta na concepção essencialista, essa concepção afirma que existe uma essência no homem, um modelo a ser atingido com a educação. A concepção existencialista defende que a existência vem antes da essência. Significa que não existe uma essência humana que determine o homem, mas ele constitui a sua essência na sua existência.

As questões 34, 35, 36, referem-se ao livro: Organização e gestão da escola: teoria e prática – Libâneo, José Carlos. Esse livro serve para o leitor estudar a escola como instituição básica do sistema escolar e como local de trabalho do professor. Entre outras questões, aborda a escola como organização de trabalho e lugar de aprendizagem do professor.

34 – C

A organização e a gestão da escola também podem ser entendidas como práticas educativas, pois, quando bem executadas transmitem valores, atitudes e modo de agir que formam e educam. O estilo de gestão adotado pela direção influencia as interações entre as pessoas.

35 – C

Para Libâneo é claro que administrar é o ato de governar, de pôr em prática um conjunto de normas e funções.

36 – A

A escola dos novos tempos deve ser um “espaço de síntese” entre a cultura experienciada que acontece na cidade, na rua, na praça, no trabalho... E a cultura formal, que é o domínio do conhecimento científico, tecnológico, mas, é necessário que se

estabeleça a compreensão da ética e o desenvolvimento da sensibilidade.

As questões 37, 38, 39, 40, 41 referem-se ao livro: Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível – Veiga, Ilma Passos Alencastro (Org.). Esse livro oferece suporte para reflexão a respeito da elaboração do projeto político pedagógico. Aborda questões sobre a autonomia da escola e chama a atenção para a necessidade de conhecimento que todos os envolvidos na construção do projeto político pedagógico devem ter a respeito de todos os processos e relações que envolvem o contexto escolar e educacional.

37 – D

O PPP não é um documento pronto e acabado para ser entregue ao supervisor, ou engavetado na mesa do diretor. É, antes, uma ação intencional com um sentido explícito, com compromisso definido coletivamente que busca um rumo, uma direção para todo trabalho escolar e para a escola, enquanto instituição.

38 – E

Todos os itens expostos são princípios que demandam uma profunda reflexão na elaboração e avaliação do PPP, pois neles estão implícitos a administração da escola que exige uma ruptura com o autoritarismo; a autonomia que se busca para a escola enquanto instituição; a autonomia para ensinar e aprender; a formação continuada e as condições de trabalho; igualdade de condições para todos permanecerem na escola com sucesso e um ensino de qualidade para todos.

39 – B

A escola deve ter bem clara qual é a sua missão e dela não se afastar, pois o homem, a sociedade e o conhecimento fazem parte dessa missão. Deve estar atenta ao seu público alvo, às suas necessidades e aos seus interesses. E sempre considerar o ambiente onde atua, sua cultura, seu modo de vida, seu jeito de ser.

40 – C

A partir da década de 1930, o conflito vem sendo estudado pela ciência administrativa. Inicialmente acreditou-se ser possível eliminá-lo. Depois buscou-se abandoná-lo e conviver com ele. Atualmente ele assume destaque na administração e é reconhecido como elemento absolutamente indispensável à sobrevivência das organizações.

41 – A

A gestão democrática é um princípio constitucional, é obrigatório nas escolas públicas e deve prever formas democráticas de organização e funcionamento da escola, deve garantir a participação de todos e promover as relações internas de trabalho com base nos princípios democráticos.

As questões 42, 43, 44 referem-se ao livro: A escola de qualidade para todos: abrindo as camadas da cebola – Gomes, Cândido Alberto. Esse livro trata, tanto das diferenças entre as escolas como também das diferenças dentro das escolas. Aborda a importância da origem social do aluno, da gestão educacional, da avaliação e do currículo. Apresenta as estruturas dos sistemas educacionais como uma cebola com sucessivas camadas que influenciam diretamente na aprendizagem dos alunos.

42 – E

Todos os itens elencados influenciam diretamente a aprendizagem, agem simultaneamente e não têm relevância política no cenário educativo. Politicamente não são considerados fatores de transformação.

43 – D

Segundo mostram as pesquisas o tamanho da escola e da turma, ao contrário do que se pensa, não tem grande importância na aprendizagem dos alunos. Os fatores escolares internos são muito mais relevantes e influenciam diretamente a aprendizagem promovendo o sucesso tanto para o aluno quanto para a escola.

44 – B

O maior desafio político, pedagógico, social é oferecer uma escola de qualidade para todos, independentemente da classe social a que pertençam. A escola democrática e de qualidade é aquela que, verdadeiramente, dá conta de ensinar a todos com qualidade.

As questões 45, 46, 47 referem-se ao livro: Itinerários pela educação latino-americana - Caderno de viagens – Torres, Rosa Maria. Esse livro apresenta relatos de viagens, visitas e conversas sobre a escola que realmente existe em alguns países da América Latina (entre eles o Brasil) e Caribe. E mostra o desencontro entre a política e a educação, as reformas e a inovação e a cultura. Com esses relatos a autora mostra a importância de se firmar um compromisso para mudar a educação.

45 – E

A verdadeira reforma é aquela que é capaz de modificar a cultura da escola de rever as práticas pedagógicas e sobretudo os resultados alcançados, é aquela que se preocupa com a aprendizagem dos alunos. A verdadeira inovação é a que é capaz de romper com os “cânones tradicionais” da escola e construir cidadãos críticos. É a que se preocupa

com o como se ensina e o como se aprende.

46 – E

Pesquisas têm mostrado, o quanto é importante para a aprendizagem do aluno e para o desempenho da função social da escola a parceria escola e família, porém essa parceria, efetivamente, ainda não se firmou devido a alguns aspectos como preconceito, falta de conhecimento, receios múltiplos e outros.

47 – B

A descontinuidade das ações políticas de governo em relação à educação tem sido um dos motivos para não transformar a educação que hoje temos, em uma educação de qualidade para todos. A luta pela qualidade da educação cabe à sociedade civil, aos partidos políticos e às instituições, inclusive a escola.

As questões 48, 49, 50, 51 referem-se ao livro: A gestão da escola - Marina Rodrigues Borges Acúrcio. Esse livro apresenta um guia de dez lições a serem observadas na gestão escolar. Trata a escola como um sistema produtivo centrada no aluno. Apresenta a família, a escola e o aluno como operadores do sistema. O produto é a pessoa educada e o cliente é a sociedade. Aborda a questão da globalização e suas exigências: mais competência para maior competição e mais produtividade.

48 – D

A gestão da escola envolve situações que exigem do gestor uma nova postura, nova forma de organizar e avaliar o trabalho da escola, novas soluções para velhos problemas. Para tanto, o gestor precisa ser presente e participativo, buscar autonomia, ter autocontrole e ser responsável.

49 – C

Para executar tarefas, principalmente as intelectuais é necessário a capacidade de pensar, raciocinar e estabelecer a criticidade. Para fazer a diferença, para mudar é preciso inovar, criar. A escola precisa preparar cidadãos com essas capacidades.

50 – D

De uma certa forma a escola tem a “cara” do diretor. Ele administra, organiza, coordena, avalia, se faz presente, mas, segundo Acúrcio a sua função mais importante é a de cuidar dos professores, isto é, incentivá-los, acompanhá-los, orientá-los nas suas funções, cuidar do seu desenvolvimento, estabelecer relações democráticas, saber ouvi-los, melhorar as condições de trabalho naquilo que lhe é possível fazer... Dessa forma os

professores e a escola tornam-se operantes.

As questões 21, 22, 23, referem-se ao livro Gestão Escolar: enfrentando os desafios cotidianos em escolas públicas – Maria Lilia I. Sousa Colares. Esse livro reúne um conjunto de textos, em sua maioria, de estudantes do Curso de Especialização em Gestão Escolar, modalidade EAD – Rondônia. Aborda a questão do planejamento escolar, do PPP, da gestão escolar, da indisciplina, das relações étnico-raciais e da avaliação da aprendizagem.

51 – A

As diferenças raciais e culturais somente poderão ser contempladas seja na escola, ou na sociedade se receberem um tratamento que tenha como base a igualdade humana e o respeito às diferenças.

52 – B

A escola em descompasso com as mudanças sociais não encontrou formas diferentes de lidar com os novos perfis que surgem em função das transformações sociais, políticas, tecnológicas... E confere a diferentes comportamentos dos sujeitos a o conceito de disciplina ou indisciplina, sem que para isso haja um consenso real.

53 – C

Acompanhar o aluno, analisar suas produções para entender as estratégias que usou para aprender, conhecer suas dificuldades e avanços para que possa tomar decisões em favor do aluno, entre elas rever o plano de ensino e a forma de avaliação são ações fundamentais que fazem parte do trabalho do professor diante do processo de ensinar e de aprender.

CHRISPINO A.; CHRISPINO, R.S.P. A mediação do conflito escolar. 2 ed. São Paulo, Biruta, 2011.

54 – D

Todas as afirmações estão corretas. A massificação ampliou o número de alunos e trouxe um aluno de perfil diferente daquele com o qual a escola está preparada para lidar, criando assim um campo de conflito. Não se quer culpabilizar ninguém, mas é certo que a criança e o jovem são aqueles que menos participação têm no fato violento, visto que, mesmo quando promovem a violência, são eles próprios vítimas da mesma violência. Sempre estamos preocupados em achar os culpados, e não as soluções. A proposta dos autores deste livro não visa atender às consequências da violência escolar, mas sim alcançar algumas de suas causas de modo a promover sua redução e a construção da Cultura de Paz no contexto da instituição educacional.

55 – C

Não podemos confundir conflito com violência. Apesar de estarem relacionados, não são sinônimos. O conflito explicita um interesse e esconde uma percepção que gera um ganho pessoal não apresentado e muitas vezes desconhecido pelo próprio envolvido no conflito. Um conflito não resolvido pode gerar a violência. Quando o diálogo se encerra, surge a violência.

56 – A

O mediador não decide sobre o fundamento do conflito e sobre as soluções que convenham às partes(b). Ele apenas medeia para que as partes encontrem a solução. A mediação é uma forma de resolução de conflitos que consiste basicamente na busca de um acordo pelo diálogo, com o auxílio de um terceiro imparcial: o mediador. Ela teve origem nas discussões envolvendo grandes problemas mundiais. A mediação pode contribuir muito para modificar hábitos litigiosos que foram incorporados à nossa cultura social como consequência de anos de cultura autoritária e de poder hegemônico. A grande vantagem da mediação de conflito é que os envolvidos, após ajustarem o acordo de mútua concordância são capazes de habitar o mesmo espaço sem que as relações tenham sofrido um esgarçamento que impeça o convívio posterior (c). A mediação é uma técnica que pode ser encontrada em muitas áreas de atuação humana. Podemos tê-la no Poder Judiciário, nas relações comunitárias em geral, e na atividade privada. A escola, como espaço paradoxal – de manutenção e de renovação da ordem social – deve ser palco também da cultura de mediação de conflitos(d). A proposta é fazer da mediação de conflito uma alternativa para adequar a escola à sua nova clientela à sua nova dinâmica e à sua nova responsabilidade (e).

57 – B

Porque está pautada no diálogo. Na relação horizontal, e não vertical. Exercita a habilidade do escutar. Vamos analisar cada afirmação: Na alternativa “a” é melhor sempre enfrentar o conflito com habilidade pessoal. Temos que conviver com o assunto, mesmo que incomode. Na alternativa “c” se melhora as relações entre os alunos, consequentemente melhorará as condições para o bom desenvolvimento da aula. Na alternativa “d” consolida a boa convivência entre os diferentes e divergentes, permitindo assim o surgimento e o exercício da tolerância, e na alternativa “e” desenvolve o autoconhecimento e, portanto, o pensamento crítico, uma vez que o aluno faz parte da solução do conflito.

58 – D

Na afirmação I nem todo conflito é negativo. O conflito faz parte dos relacionamentos interpessoais. Ele não atenta contra a ordem. Ele só passa a ser destrutivo quando rompe o equilíbrio e gera violência. Na afirmação II a escola do futuro é a escola da

diversidade. A escola tornou-se de massa e passou a abrigar alunos diferentes. É indispensável que diretores e professores sejam preparados para lidar com os “diferentes” – quer no ensino, quer na avaliação, quer na relação, que sejam instrumentalizados para identificar o conflito antes de seu surgimento e preparados para mediar o conflito quando de seu estabelecimento. A afirmação III está incorreta, uma vez que temos que conviver com o assunto, mesmo que incomode, para que possa ser possível identificar as ocorrências, o perfil dos envolvidos, o contexto em que aconteceram. Precisamos enfrentá-lo e não fingir que ele não existe. Finalmente, na afirmação IV, todos nós temos que estar preparados para lidar com o conflito.

CECCON, Claudia et al. Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como. São Paulo: CECIP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

59 – B

Os conflitos são parte da vida. Simples ou graves são eles que nos obrigam a rever ou a reafirmar valores e posições. Sem eles, não haveria mudança nem aprendizagem. Por isso, é tão importante compreender sua origem e natureza e saber lidar com eles. Manifestações de violência é outra coisa: não podem ser toleradas e devem ser interrompidas.

60 – E

Conflitos existem por toda a parte. Não são, em sua natureza, nem bons nem ruins: fazem parte da vida em sociedade. A maneira com que lidamos com eles, no entanto, faz com que tenham desdobramentos positivos ou negativos. Quando bem manejados, os conflitos podem levar a situações de intensa criatividade e aprendizagem. Quando ignorados ou mal administrados, podem ter consequências não desejadas.

61 – E

A principal causa de os conflitos na escola se expressarem de forma violenta está na desatenção ao identificar e corrigir fatores internos que prejudicam e podem mesmo romper o equilíbrio em uma escola. Quando o vínculo afetivo entre a equipe docente, entre professores e gestores, professores e alunos, professores e famílias, entre a escola e a comunidade é fraco ou inexistente, não há confiança mútua suficiente para que as diferenças sejam expostas, discutidas e negociadas por meio do diálogo (a). Uma das condições para que os vínculos entre as pessoas da escola se consolidem é chegar a acordos coletivos sobre Normas de Convivência que favoreçam relacionamentos amigáveis (b). Se os professores não são escutados pela direção, se os alunos não são escutados pelos professores, se as famílias e os membros da comunidade não têm voz na escola, não há como estabelecer vínculos. O diálogo se traduz em participação, em corresponsabilização, em poder compartilhado (c). Se a comunicação entre as pessoas da escola está contaminada, será impossível criar vínculos positivos – condição essencial

para que necessidades mútuas de pertencimento, autonomia e competência sejam atendidas e para que o equilíbrio se mantenha na escola. A comunicação contamina-se quando não é transparente e direta nem visa ampliar a compreensão mútua, mas, em vez disso, transporta acusações, julgamentos, conselhos e sermões (d).

62 – A

Através da competência superamos desafios. Fortalecer os vínculos na escola significa existir um sentimento de conexão entre professores, alunos, gestores, famílias, escola e comunidade. A autonomia determina que as pessoas sejam livres para fazer escolhas. A violência surge de um desequilíbrio, onde não existe a possibilidade do diálogo. O pertencimento é sentir a escola como nossa.

63 – D

Estimular a participação da família e da comunidade não é chamar as pessoas para fazer “coisas” para a escola. É convidá-las a, junto com a equipe escolar, decidir o que a escola deseja para as crianças e os jovens do bairro ou da cidade e o que podem fazer para tornar a escola um ambiente mais seguro e feliz.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Bullying. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2010.

64 – A

Realmente, o bullying é um termo de origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, que é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados por meninos e por meninas. Estudos revelam um pequeno predomínio dos meninos sobre as meninas. No entanto, por serem mais agressivos e utilizarem a força física, as atitudes dos meninos são mais visíveis. Já as meninas costumam praticar bullying mais na base de intrigas, fofocas e isolamento das colegas. Podem, com isso, passar despercebidas, tanto na escola quanto no ambiente doméstico.

65 – E

O bullying existe em todas as escolas, o grande diferencial entre elas é a postura que cada uma tomará frente aos casos de bullying. Por incrível que pareça os estudos apontam para uma postura mais efetiva contra o bullying entre as escolas públicas, que já contam com uma orientação mais padronizada perante os casos (acionamento dos Conselhos Tutelares, Delegacias da Criança e do Adolescente etc.). As vítimas de bullying se tornam reféns do jogo do poder instituído pelos agressores, porém, raramente elas pedem ajuda às autoridades escolares ou aos pais. Elas agem dominadas pela falsa crença de que essa postura é capaz de evitar possíveis retaliações dos agressores e por acreditarem que, ao sofrerem sozinhos e calados, pouparão seus pais da decepção de ter um filho frágil, covarde e não popular na escola.

66 – B

Na escola no horário do recreio encontram-se isoladas do grupo, ou perto de alguns adultos que possam protegê-las; na sala de aula apresentam postura retraída, faltas frequentes às aulas, mostram-se comumente tristes, deprimidas ou aflitas; nos jogos ou atividades em grupo sempre são as últimas a serem escolhidas ou são excluídas; aos poucos vão se desinteressando das atividades e tarefas escolares. Em casa, geralmente elas não têm amigos ou, quando têm são bem poucos; existe uma escassez de telefonemas, e-mails, torpedos, convites para festas, passeios ou viagens com o grupo escolar.

67 – D

A afirmação III está incorreta, uma vez que a orientação da mãe, neste caso, deveria ter procurado a escola, conversado com a professora e com a direção. A identificação precoce do bullying pelos responsáveis (pais e professores) é de suma importância. As crianças normalmente não relatam o sofrimento vivenciado na escola, por medo de represálias e por vergonha. A observação dos pais sobre o comportamento dos filhos é fundamental, bem como o diálogo franco entre eles. Os pais não devem hesitar em buscar ajuda de profissionais da área de saúde mental, para que seus filhos possam superar traumas e transtornos psíquicos. As vítimas precisam se sentir seguras. A escola é corresponsável nos casos de bullying, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. A direção da escola (como autoridade máxima da instituição) deve acionar os pais, os Conselhos Tutelares, os órgãos de proteção à criança e ao adolescente etc. Caso não o faça poderá ser responsabilizada por omissão. Em situações que envolvam atos infracionais (ou ilícitos) a escola também tem o dever de fazer a ocorrência policial. Dessa forma, os fatos podem ser devidamente apurados pelas autoridades competentes e os culpados responsabilizados. Tais procedimentos evitam a impunidade e inibem o crescimento da violência e da criminalidade infanto-juvenil.

68 – D

As informações sobre o comportamento das vítimas devem incluir os diversos ambientes que elas frequentam. Nos casos de bullying é fundamental que os pais e os profissionais da escola fiquem atentos. Todas as demais alternativas estão corretas.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora.
Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. Psicologia: Teoria e Prática. Brasília, v. 28, n 1 p. 101-108, jan/mar.2012.

69 – B

As afirmações I, II e III estão corretas. Realmente, o século XX foi marcado por grandes avanços teóricos nas ciências em geral, advindos da adoção de modelos sistêmicos para a compreensão de fenômenos do desenvolvimento. Este período passou a ser visto como um conjunto de fatores inter-relacionados, de ordem individual, histórica e cultural. As principais teorias do desenvolvimento foram responsáveis por explicar o fenômeno da adolescência, enfatizando-a como uma fase distinta no desenvolvimento e como um período caracterizado por níveis de turbulência. G. Stanley Hall reconhece a influência da cultura ao mesmo tempo em que valoriza as diferenças individuais do adolescente e sua característica de plasticidade (maleabilidade), podendo ser considerado inovador e provocativo para sua época. Na afirmação IV, o correto seria que os processos proximais, continuam particularmente importantes, sobretudo no engajamento em práticas educativas e nos processos de comunicação, tais como diálogos, negociações e trocas de argumentos e de opiniões.

70 – D

Todas as três alternativas (a, b, c) estão corretas. Em geral, eles propõem ações efetivas com base, por exemplo, no desenvolvimento de características tais como os cinco “Cs” - caráter, cuidado, confiança, conexão e compaixão e em ideologias de compromisso moral, dever de cidadão e saúde do jovem e da sociedade.

71 – B

Os conflitos da puberdade são considerados normais e até necessários ao seu funcionamento ‘adaptativo’, na busca por um novo sentido de personalidade e papel social (a). Temos que considerar os jovens como empreendedores vitais para o futuro, tanto da ciência como da sociedade. Lerner e Overton (2008) reforçam a necessidade de compreendê-los melhor, fornecendo-lhes suporte e mais oportunidades de maximizarem suas chances de desenvolvimento saudável e positivo (c). Os jovens representam, aqueles que mais assumirão a liderança nas famílias, comunidades e sociedades. (d) abordar a adolescência como um período de mudança e transitoriedade no desenvolvimento, ou mesmo, um estado em si, não condiz com os avanços nas perspectivas teóricas da ciência do desenvolvimento humano (e).

ABRAMOVAY, Miriam (Coord). Juventudes na escola, sentidos e buscas: porque frequentam? Brasília, DF: MEC, 2015.

72 – C

A afirmação I está correta, uma vez que, segundo a pesquisa realizada, os jovens frequentam a escola para conseguir um emprego melhor. Para ter uma vida melhor para eles e para as famílias. A afirmação II está correta porque entre os principais motivos para o abandono está a necessidade de trabalhar, e assim conseguirem uma renda para utilizar com o lazer e ajudar a família. A constituição de uma nova família, bem como a maternidade e a gravidez também são alguns fatores do abandono escolar. A afirmação

III está correta. Realmente, o professor aparece como o grande “responsável” pela permanência do jovem na escola. Existe uma valorização por este profissional que saiba escutar os alunos e ensinar. A afirmação IV não é verdadeira, uma vez que quando os jovens têm um bom professor, eles passam a gostar da disciplina. A boa atitude do professor em sala aproxima os alunos das disciplinas ministradas.

73 – E

A aula deve ser interessante, com recursos didáticos criativos e interativos, e não por uma maneira mecânica onde são obrigados a copiar simplesmente. Eles afirmam que o diálogo antes de iniciar o assunto os aproxima da disciplina. Uma das razões importantes para reter os alunos no espaço escolar, é ter um professor que saiba criar uma relação pessoal e de respeito, além de demonstrar domínio do conteúdo (a). A mudança de escola, por avaliar que, devido a fragilidades na qualidade de ensino, já que não teriam como passar no vestibular ou no ENEM se ficasse na escola original é comum em vários relatos (b). Quando os pais incentivam e demonstram a importância dos estudos para os filhos eles continuam os estudos (c). Os professores valorizam muito o colégio particular, em relação ao colégio público. Os alunos se sentem desvalorizados (d).

74 – A

O relacionamento entre esses atores é marcado pelo distanciamento, sobretudo quando se considera que há casos em que os alunos nunca tiveram qualquer contato com a direção, bem como pelas críticas as formas de relação e do exercício do poder. Nota-se a tendência à ausência, ao não entendimento de demanda, à indisponibilidade, do autoritarismo e à falta de diálogo.

75 – E

O consumo da água fica prejudicado por falta de abastecimento nas unidades ou pela qualidade da água ofertada. A falta de água prejudica as condições dos banheiros; outra dificuldade refere-se à falta de papel higiênico. A falta de higiene dos bebedouros e sua distância da sala de aula também foram relatadas pelos jovens.

76 – A

O tempo de aula é referido como problemático, já que os alunos se sentem prejudicados pela curta duração em que os conteúdos são trabalhados (b). Os professores deveriam se preocupar com as relações estabelecidas com os alunos, se preocupar mais com o aluno, serem mais flexíveis e bem humorados, e utilizar diferentes estratégias metodológicas (c). Sobre os funcionários da escola, os jovens sugerem o aumento do efetivo, como também ressaltam que gostariam que eles dessem uma maior atenção no atendimento aos alunos e que demonstrassem o comprometimento com o que fazem (d). Foi mencionada pelos jovens a sugestão da escola em período integral com cursos e oficinas extracurriculares no turno vespertino ou nos sábados. Deveriam ser criados

espaços de lazer dentro das unidades escolares, para atrair os jovens para dentro delas. Dentre as atividades extracurriculares as relacionadas ao lazer, as artes, especificamente à música e ao teatro; e algum esporte, normalmente ligado a algum tipo de luta, futebol ou natação.

COLL, César. Comunidades de aprendizagem e educação

77 – D

Na sociedade todos os problemas de formação e orientação das novas gerações são atribuídos de maneira exclusiva à escola. As instituições de ensino escolar estão praticamente incapacitadas para assumir todo o conjunto de responsabilidades que lhes foi atribuído. A escola tem que cuidar de absolutamente tudo: ensinar a ler e escrever, ensinar o gosto pela leitura, despertar a sensibilidade, adaptar-se às novas tecnologias, tem que abraçar todos os temas transversais - a educação para a saúde, a educação sexual, tem que educar para a solidariedade. E cada novo programa que aparece imediatamente é a sua próxima missão. Todo este processo nos levou a uma situação que começamos a tomar consciência de que é insustentável, porque a escola não pode fazer tudo sozinha.

78 – C

A ideia fundamental do autor, é que ao adotarmos uma visão ampla de educação aceitamos também as consequências, ou seja, que é necessário refletir profundamente sobre os princípios básicos dos sistemas atuais de educação escolar. As reflexões devem chegar ao como ensinar e como aprender, e onde se ensina, rompendo que a ideia de que só se ensina e se educa nas escolas, e também a quem ensina e quem educa. Esta é uma análise destas carências e limitações que encontramos, como dado estrutural, em praticamente todos os sistemas educativos, com a conclusão de que não é possível abordar essas carências, que são intrínsecas ao próprio sistema educativo, se não houver uma revisão em profundidade e ampla da educação, adotando uma visão distinta daquela que temos hoje nos sistemas tradicionais de educação, focada não apenas em que ensinar e aprender, mas também em como e a quem estamos ensinando.

79 – B

A ênfase não se dá no aprendizado individual, mas na construção coletiva do conhecimento, no sentido de que o aluno, quando aprende, é porque aprende em um processo de construção, de aquisição de capacidade, de conteúdo e atividades coletivas (a). Trabalhar colaborativamente é uma coisa que se aprende. Por isso, nem por um momento se pode pensar que numa Comunidade de Aprendizagem (CA) a função do professor seja menor. Pelo contrário, seu papel é fundamental, pois para que essas características sejam desenvolvidas e para que o grupo passe a funcionar realmente como uma Comunidade de Aprendizagem, é absolutamente essencial que ele tenha

claro seu papel (c). Existe a necessidade de que os membros de uma Comunidade de Aprendizagem a percebam como eficaz. Passado algum tempo, se eles não a percebem desta maneira, deixam de participar e a iniciativa fracassa. Daí a necessidade de que a CA desenvolva planos de atividade que sejam específicos, para atingir objetivos concretos e realistas(d). A terceira categoria de CA é completamente diferente das anteriores. São as Comunidades de Aprendizagem referidas ao território, experiências que possuem origem distinta das anteriores, pois não têm como objeto a educação escolar. São experiências ligadas a estratégias de desenvolvimento comunitário no âmbito econômico, baseadas na vocação comunitária.

80 – D

As Comunidades de Aprendizado (CA) em sala de aula recorrem a muitos princípios clássicos da teoria construtivista, numa linha que poderia ser denominada de aprendizagem dialógica, quando se pensa que a aprendizagem se dá num marco de negociação do significado e de diálogo entre os membros de um coletivo. Neste modelo, o papel do professor é ensinar e trabalhar com os alunos as atividades necessárias para construir um diálogo construtivo. Em resumo, este tipo de Comunidade de Aprendizagem nos proporciona uma visão distinta do que quer dizer aprender e do que quer dizer ensinar.

81 – E

(I) É necessário que estas novas tecnologias sejam utilizadas não apenas como instrumento de intercâmbio de informações, mas que sejam postas como instrumentos de aprendizagem, o que é muito mais difícil, porque o desenvolvimento que alcançaram até o momento as novas tecnologias em comunicação não foi acompanhado do desenvolvimento de novas metodologias que façam uso de suas potencialidades para ensinar e aprender. (II) Esta heterogeneidade de significados e práticas tem variações, porque os diferentes tipos de Comunidades de Aprendizagem se dão a partir de referências disciplinares distintas. Umas se inspiram na pedagogia, na didática, na psicologia, caso das comunidades referidas à sala de aula, outras têm referências tecnológicas, sociológicas, no pensamento político e em diretrizes disciplinares que unem suas raízes na ação transformadora da política. (III) Não há diferença entre os sistemas nacionais de educação e dos diferentes países - seguem apresentando, apesar dos avanços que se têm realizado, destacadas limitações para satisfazer as necessidades educativas do conjunto da população, gerando 'bolsões' de alunos que não conseguimos fazer avançar. (IV) A educação abre frente para novos agentes socializadores e não só a escola.

GOMEZ-GRANELL, Carmen; VILA, Ignácio (Org). A cidade como projeto educativo. Porto Alegre: Artmed, 2003.

82 – A

É importante que a cidade entenda e assuma que a educação é um elemento estratégico imprescindível para seu desenvolvimento harmônico e democrático. A cidade também é um agente socializador (b). A escola também deverá transformar-se. Os professores terão de mudar os seus métodos, cujo papel será mais necessário do que nunca, porque ele terá de ensinar os critérios e os valores para aprender e para construir o conhecimento (c). No futuro, a escola deverá transformar-se (d). Nos últimos tempos, a família passou por importantes transformações que poderiam ser resumidas na passagem de uma família patriarcal, para uma família democrática, onde os papéis, os interesses e a relação entre homem e mulher estão mudando, assim como a relação com os filhos, as responsabilidades são negociadas e discutidas, a mulher passa a fazer parte do mercado de trabalho, todavia aumenta a distância entre pais e filhos, a grande família desaparece, e a família se isola da comunidade (e).

83 – A

Apenas a afirmação III está incorreta. O correto seria heterogêneos e não homogêneas, devido ao aumento da diversidade dos marcos referenciais em nossa sociedade implica que, diante de uma “identidade simples”, ou de uma só dimensão identificadora das pessoas, se abra caminho para a percepção de uma “identidade múltipla ou modular” para a diversidade e o entrecruzamento de diversas dimensões identificadoras. É importante formar pessoas para que possam aprender continuamente, uma vez que esta formação dará cada vez mais importância para a capacitação intelectual da cidadania em questões humanísticas, sociais, científicas ou artísticas, incentivando a “atitude de aprender” e de entender que o conhecimento é um valor necessário e mutante. Assim, a escola também deverá transformar-se. É preciso aprender a conviver com os meios de comunicação, sobretudo com os baseados na imagem, pois são referentes culturais e, portanto, educacionais, de primeira grandeza. Eles devem ser integrados na escola, não só como meros elementos de ajuda, mas como referenciais. Educar para a sustentabilidade envolve dois aspectos: tornar possível uma mudança de mentalidade a partir de uma tomada de consciência cidadã dos problemas que traz o modelo atual de desenvolvimento e, por outro, a aprendizagem de uma nova forma de utilização dos recursos que estão ao alcance das pessoas.

84 – A

Sem uma reorganização séria nos horários e da distribuição do tempo de maneira que os homens e as mulheres possam conciliar sua vida profissional e pessoal, será difícil para as famílias recuperarem o tempo e o espaço para educar os filhos. As demais alternativas estão incorretas: na alternativa “b”, o esforço educativo não pode ser feito unicamente a partir da escola. Ela não tem nem pode ter sozinha a responsabilidade pela educação. Na alternativa “c” a família tem um papel decisivo, principalmente no que o autor chama de capacidades básicas. Na alternativa “d” a cidade não reúne somente agente, ela própria é um agente educativo; e na alternativa “e” o processo educativo não deve estar centrado em quem ensina, mas deve estar construído em torno de quem

aprende.

85 – C

Reconsiderar a cidade a partir da sustentabilidade significa promover um modelo de desenvolvimento que satisfaça as atuais necessidades de cidadania sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer as suas próprias necessidades. Para isso é necessário contar com o convencimento da cidadania, e isso passa necessariamente pela educação.

86 – E

Todos os itens são exemplos de como se poderia reduzir o impacto ambiental. Muitas dessas medidas incidem sobre o próprio conceito de “bem-estar”, que entra de cheio no campo cultural e psicológico.

CASTRO, Maria Helena Guimarães de. Sistemas nacionais de avaliação e de informações educacionais. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v 14, n. 1, p. 121-128, 2000.

87 – E

Todas as alternativas estão corretas, uma vez que a implementação de reformas educacionais em um país federativo, cujos sistemas de ensino caracterizam-se por extrema descentralização político institucional como o Brasil, requer necessariamente a implantação de mecanismos de monitoramento e acompanhamento das ações e políticas em curso por diferentes razões. Dentre as quais as citadas nas alternativas “a”, “b”, “c”, e “d”.

88 – A

Ela fornece parâmetros mais precisos para a formulação e o monitoramento das políticas. O desenvolvimento de um eficiente sistema nacional de informações educacionais tem orientado a atuação do governo federal no que se refere à sua função supletiva, voltada para a superação das desigualdades regionais.

89 – B

Na alternativa “a” o objetivo também é a efetividade do sistema de educação básica. Na alternativa “c” é proporcionar aos agentes educacionais e à sociedade uma visão clara, e concreta dos resultados dos processos de ensino e das condições em que são desenvolvidos e obtidos. Na alternativa “d” também investigam fatores socioeconômicos e contextuais que interferem na aprendizagem. Na alternativa “e” procura aferir a

proficiência do aluno, entendido como um conjunto de competências e habilidade e evidenciadas pelo rendimento apresentado nas disciplinas avaliadas, abrangendo as três séries tradicionalmente associadas ao final de cada ciclo de escolaridade: a 4ª e 8ª séries do ensino fundamental e a 3ª série do ensino médio.

KLEIN, R.; FONTANIVE, N.S. Alguns indicadores educacionais de qualidade no Brasil de hoje. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.23, n.1, p.19-28, jan./jun.2009.

90 – E

O artigo refere-se ao Saeb. Desde 1995, o Saeb é aplicado nas séries finais do ensino fundamental (4ª e 8ª série) e no final do ensino médio (3ª série). A partir de 2005, o governo resolveu estender a avaliação nacional ao universo das escolas públicas urbanas com 30 ou mais alunos, instituindo a Prova Brasil, mas conservando o Saeb.

91 – B

As afirmações I, II e III estão corretas, e a afirmação IV está incorreta. A definição correta de taxa de aprovação é a razão entre o número de aprovados e a matrícula inicial e não entre o número de aprovados e a matrícula final.

92 – A

Na alternativa “b”, para verificar o cumprimento desse objetivo, são necessários indicadores de resultados educacionais que permitam avaliar o que os alunos estão aprendendo, e também se estão sendo aprovados e se estão concluindo a educação básica na idade adequada. Na alternativa “c” o Brasil está preparado atualmente, para definir indicadores e metas de qualidade, monitorar e instituir políticas públicas focadas no alcance dessas metas. Na alternativa “d” temos 169 itens por série/disciplina, para o aluno responder em aproximadamente duas horas. E, finalmente, na alternativa “e” o Saeb é aplicado nas séries finais dos dois segmentos do ensino fundamental (4ª e 8ª séries)* e no final do ensino médio (3ª série). Essa decisão foi tomada em função da falta de currículos e programas de ensino únicos por série em todo território nacional, já que o Saeb avalia a população escolar brasileira por meio de uma amostra probabilística estratificada pelas unidades da federação e dependências administrativas. * Obs: atual (5º ano e 9º ano)

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre. Artmed, 2010

93 – D

A competência e os conhecimentos não são antagônicos, pois qualquer atuação competente sempre representa a utilização de conhecimentos inter-relacionados às

habilidades e às atitudes.

94 – A

Na alternativa “b” temos que lembrar que os conteúdos das disciplinas são claramente conceituais e estão desligados da prática profissional, essa característica pode ser percebida quando se analisam as provas e os critérios de avaliação. Ambos fomentam o caráter dissociado entre teoria e prática, pois os alunos memorizam os assuntos com a finalidade de desenvolver os conhecimentos adquiridos em uma prova, e não para poder aplicá-los. Na alternativa “c” o correto seria os conteúdos prioritários do ensino seriam aqueles que deverão desenvolver todas as capacidades do ser humano. Na alternativa “d” a aprendizagem da maioria dos conteúdos é uma tarefa árdua, na qual a simples memorização de enunciados é insuficiente para sua compreensão, e que a transferência e a aplicação do conhecimento adquirido a outras situações diferentes somente é possível se, ao mesmo tempo, tenham sido realizadas as estratégias de aprendizagem necessárias para que a transferência se produza. Na alternativa “e” a competência, no âmbito da educação escolar, identificará o que qualquer pessoa necessita para responder aos problemas que enfrentará ao longo de sua vida. Sendo assim, a competência consistirá na intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida, mediante ações nas quais são mobilizados, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentais e conceituais.

95 – B

As afirmações I, II e III estão corretas. A única afirmação incorreta é a IV. A aprendizagem de uma competência está muito distante do que vem a ser uma aprendizagem mecânica e implica o maior grau de relevância e funcionalidade possível, pois para poder ser utilizada devem ter sentido tanto a própria competência quanto seus componentes procedimentais, atitudinais e conceituais.

96 – E

As competências implicam uma ação que, para ser eficaz, deve mobilizar diferentes recursos constituídos por esquemas de atuação que integram conhecimentos, procedimentos e atitudes. Não é possível aplicar, de modo eficaz, o que não se aprendeu ou se dominou suficientemente. Não é possível ser competente se a aprendizagem dos componentes foi apenas de caráter mecânico.

97 – A

O professor deve incentivar a participação do aluno, promover canais de comunicação, auxiliá-los a encontrar sentido no que estiverem fazendo, promover a atividade auto estruturante, autoestima e autoconceito.

CASTRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza (org). Interação escola família: subsídios para práticas escolares. Brasília: Unesco, MEC, 2010.

98 – A

Cada vez mais as redes de escolas públicas buscam, por diferentes meios, aproximar-se das famílias de seus alunos, conhecer suas condições de vida e envolvê-las na produção de bons resultados educacionais. Projetos, ideias e práticas inovadoras, como a visita domiciliar da história, nascem nos gabinetes das Secretarias, nas salas de aula e até em iniciativas isoladas de professores. O planejamento educacional que leve em conta a realidade dos alunos e a participação dos representantes de cada instância do sistema público de ensino na articulação e manutenção da rede de proteção social às crianças e adolescentes devem ser objeto de profunda reflexão e tomada de posição ao pensarmos nas políticas e práticas de interação com a família de todos os alunos.

99 – E

Diversas finalidades, tais como: o cumprimento do direito das famílias à informação sobre a educação dos filhos; o fortalecimento da gestão democrática da escola; o envolvimento da família nas condições de aprendizagem dos filhos; o estreitamento de laços entre comunidade e escola; o conhecimento da realidade do aluno; entre outras.

100 – D

A escola não é somente um espaço de transmissão da cultura e de socialização. É Também um espaço de construção de identidade. É direito das famílias ter acesso a informações que lhes permitam opinar e tomar decisões sobre a educação de seus filhos e exercer seus direitos e responsabilidades. O Estado (nos níveis federal, estadual e municipal) é o responsável primário pela educação escolar. O reconhecimento de que a escola atende alunos diferentes uns dos outros possibilita a construção de estratégias educativas capazes de promover a igualdade de oportunidades.

101 – B

A Constituição de 1967 classificou a educação como dever do Estado e ampliou a obrigatoriedade do ensino de quatro para oito anos, porém suprimiu o preceito que obrigava a destinação de um percentual de recursos públicos para a educação. Sem financiamento contínuo e garantido, as instalações e condições físicas das escolas públicas pioram e a qualidade do ensino também cai. Ainda assim observa-se a gradativa expansão da rede pública de ensino, que prioriza a construção de novas unidades escolares, mesmo à custa da precarização da manutenção e da garantia de condições dignas de trabalho para os profissionais da educação.

102 – C

Ao longo das últimas décadas, a criança foi sendo deslocada da periferia para o centro da família. Do mesmo modo, ela passou a ser o foco principal do sistema educativo. Com relações mais horizontais, o exercício da autoridade na família e na escola como estava configurado até então – adultos mandavam e crianças/adolescentes obedeciam – tende a entrar em crise. Na consolidação dos direitos das crianças, as responsabilidades específicas dos adultos que as cercam vão sendo modificadas e a relação escola-família passa a ser regida por novas normas e leis. Segundo a LDB, os profissionais da educação devem ser os responsáveis pelos processos de aprendizagem, mas não estão sozinhos nesta tarefa. A lei prevê a ação integrada das escolas com as famílias. Como a educação básica é dirigida, em princípio, a alunos de zero a 17 anos, a ECA se aplica às escolas.